

EXPERIÊNCIAS DE EMPREENDEDORES NEGROS EM STARTUPS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

EXPERIENCES OF BLACK ENTREPRENEURS IN STARTUPS: AN EXPLORATORY STUDY

EXPERIENCIAS DE EMPREENDEDORES NEGROS EN STARTUPS: UN ESTUDIO EXPLORATORIO

Walter Dias Junior, MSC

Centro Universitário da FEI/Brazil

walter.wdj@gmail.com

Pedro Jaime, Dr.

Centro Universitário da FEI/Brazil

pedrojaime@uol.com.br

Edson Sadao Iizuka, Dr.

Centro Universitário da FEI/Brazil

esadao@fei.edu.br

Humberto Reis dos Santos-Souza, MSC

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro/Brazil

humberto.souza@ifrj.edu.br

RESUMO

O empreendedorismo negro no ecossistema de inovação é pouco explorado cientificamente. Este estudo analisa as experiências de empreendedores negros na gestão de startups, focando em como têm sido suas vivências. A partir de uma revisão da literatura, classificou-se os estudos prévios em três blocos: a) Comparações entre empreendedores negros e brancos ou outros grupos étnicos; b) Avanços e oportunidades dos empreendedores negros; c) Racismo institucional como barreira para os empreendedores negro. A abordagem metodológica utilizada na investigação foi qualitativa, sendo operacionalizada por meio de entrevistas em profundidade. Os resultados mostraram que, apesar das dificuldades iniciais, todos os entrevistados completaram o ensino superior e foram motivados a empreender por propósitos raciais e sociais. As principais barreiras encontradas por eles dizem respeito à captação de recursos financeiros. Elas foram superadas por meio de redes de contato e participação em programas de aceleração. A contribuição primordial deste estudo à compreensão do fenômeno do empreendedorismo no contexto brasileiro repousa no fato de chamar a atenção para as condições adversas que pessoas negras encontram, em comparação com pessoas brancas, quando buscam iniciar negócios no universo das startups. A pesquisa chamou a atenção também para a capacidade de ação dos empreendedores negros no enfrentamento dessa forma de racismo.

Palavras-chave: Empreendedorismo negro; Startups; Racismo.

ABSTRACT

Black entrepreneurship in the innovation ecosystem is little explored scientifically. This study analyzes the experiences of black entrepreneurs in managing startups, focusing on what their experiences have been like. Based on a literature review, previous studies were classified into three blocks: a) Comparisons between black and white entrepreneurs or other ethnic groups; b) Advances and opportunities for black entrepreneurs; c) Institutional racism as a barrier for black entrepreneurs. The methodological approach used in the investigation was qualitative, being operationalized through in-depth interviews. The results showed that, despite initial difficulties, all interviewees completed higher education and were motivated to undertake business for racial and social purposes. The main barriers they encountered relate to raising financial resources. They were overcome



through contact networks and participation in acceleration programs. The primary contribution of this study to understanding the phenomenon of entrepreneurship in the Brazilian context lies in the fact that it draws attention to the adverse conditions that black people encounter, in comparison to white people, when they seek to start businesses in the world of startups. The research also drew attention to the agency capacity of black entrepreneurs in confronting this form of racism.

Keywords: Black entrepreneurship; Startups; Racism.

RESUMEN

El emprendimiento negro en el ecosistema de tecnología e innovación está científicamente subexplorado. Este estudio analiza las experiencias de emprendedores negros en la gestión de startups, centrándose en cómo han sido sus experiencias. A partir de una revisión de la literatura, los estudios previos se clasificaron en tres bloques: a) Comparaciones entre emprendedores blancos y negros u otros grupos étnicos; b) Avances y oportunidades para los empresarios negros; c) El racismo institucional como barrera para los empresarios negros. El enfoque metodológico utilizado en la investigación fue cualitativo, siendo operacionalizado a través de entrevistas en profundidad. Los resultados mostraron que, a pesar de las dificultades iniciales, todos los entrevistados completaron la educación superior y fueron motivados para emprender por propósitos raciales y sociales. Las principales barreras que encontraron se relacionan con la obtención de recursos financieros. Fueron superadas a través de redes de contactos y participación en programas de aceleración. La contribución primordial de este estudio para comprender el fenómeno del emprendimiento en el contexto brasileño radica en el hecho de que llama la atención sobre las condiciones adversas que enfrentan los negros, en comparación con los blancos, cuando buscan iniciar negocios en el mundo de las startups. La investigación también llamó la atención sobre la capacidad de acción de los empresarios negros para enfrentar esta forma de racismo.

Palabras clave: Emprendimiento negro, Startups, Racismo.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a pesquisa produzida em 2019 pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM) em parceria com o Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP) e Sebrae, a taxa total de empreendedores negros no Brasil (39%) é maior do que a de brancos (37,8%). Porém, 27,1% dos empreendedores negros começam um negócio por necessidade, movidos pelo desemprego. Segundo outro levantamento, realizado pela Associação Brasileira de Startups (Abstartups), o percentual de negros fundadores de startups é de apenas 5,8%, por ser necessário maior grau de instrução sobre tecnologia, desenvolvimento de software e mercado. Nestes ambientes, a maioria dos negros fica para trás por conta da realidade social em que estão inseridos (GEM – GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR; IBQP – INSTITUTO BRASILEIRO DE QUALIDADE E PRODUTIVIDADE; SEBRAE, 2019; MUNDO NEGRO, 2022; SEBRAE, 2020; IBGE, 2019).

Diante desse quadro, algumas grandes empresas iniciaram, ainda que de forma incipiente, um movimento de investimentos em empresas iniciadas por empreendedores negros. O Google, por meio do Black Founders Fund – Google for Startups, já investiu R\$ 5 milhões nos primeiros dois anos da década de 2020 e se comprometeu a investir nos dois anos seguintes mais R\$ 8,5 milhões em empresas criadas por negros. A organização BlackRocks Startups promove negócios tecnológicos liderados por pessoas negras e fechou uma parceria com a rede social TikTok e o Banco BTG Pactual para realizar sua terceira edição de aceleração de startups com as empresas selecionadas recebendo o investimento de US\$ 5 mil dólares/mês durante dois anos. O Nubank investiu R\$ 1 milhão em startups criadas por negros por meio do seu programa Semente Preta, iniciado

em 2021. Além do investimento, os empreendedores selecionados participarão de encontros de networking e mentorias com os times do Nubank (Coraccini, 2021; ESTADÃO, 2021; MONEY TIMES, 2022; MUNDO NEGRO, 2022). Essas iniciativas acompanham o entendimento de que as empresas têm um papel fundamental em fomentar a equidade racial (Jaime; Santos-Souza, 2024).

No mundo acadêmico, o empreendedorismo negro ainda é um tema pouco explorado. Em um breve levantamento na plataforma SPELL com as palavras-chave empreendedorismo negro, empreendedores negros e afro-empreendedorismo, foram encontrados apenas quatro artigos. E eles não abordam esse tipo de empreendedorismo no ecossistema de inovação. Tratam do tema a partir dos nomeados salões étnicos, do afroturismo, ou de feiras organizadas por empreendedores negros (Rezende; Mafra; Pereira, 2018; Farias; Pimentel; Santos, 2021; Santos; Oliveira, 2020). Um mapeamento da literatura internacional trouxe resultados não muito mais animadores. Foram apenas 32 artigos listados na base de dados Web of Science entre 1971 e 2020 (Oliveira Júnior; Iizuka; Jaime, 2021). Ademais, apesar da relevância destes estudos prévios, em sua esmagadora maioria elas também não enfocam diretamente questões de startups e inovação. Concentram-se em questões como segregação racial e comércio, relação entre riqueza e empreendedorismo de brancos e negros, empreendedorismo negro antes da guerra civil, incentivo do governo e instituições financeiras ao empreendedorismo negro e o papel das universidades historicamente negras no fomento ao empreendedorismo negro (Boyd, 2007; Bradford, 2014; Coles, 1973; Fesselmeyer; Seah, 2017; Walker, 1986).

Visando preencher essa lacuna, este artigo traz os resultados de uma investigação que abordou a questão racial no ecossistema de inovação. Buscou-se com o estudo analisar as experiências de empreendedores negros na gestão de startups. O problema de pesquisa foi estruturado a partir da seguinte pergunta de investigação: Como tem sido as experiências vivenciadas por pessoas negras ao empreenderem no universo das startups? A fim de respondê-la, foi realizada uma pesquisa de caráter exploratório e natureza qualitativa. A sua operacionalização se deu mediante recurso a entrevistas em profundidade conduzidas com empreendedores negros que estão inseridos no ecossistema de inovação. O texto que segue está organizado em mais quatro seções, além dessa introdução, sendo elas: apresentação da revisão da literatura, esclarecimentos sobre a abordagem metodológica e as estratégias de investigação, exposição dos resultados e considerações finais.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Para o embasamento do estudo foram mapeados artigos nacionais e internacionais que abordam o empreendedorismo liderado por pessoas negras. O levantamento da produção científica nacional foi realizado na base de dados SPELL utilizando-se as palavras-chave: empreendedorismo negro, empreendedores negros e afro-empreendedorismo. No caso da literatura internacional, recorreu-se a um mapeamento na Web of Science já realizada previamente por Oliveira Júnior, Iizuka e Jaime (2021). Os artigos foram agrupados em três blocos, com base nas convergências percebidas a partir da sua leitura, sendo eles: a) Comparações entre empreendedores negros e brancos ou outros grupos étnicos; b) Avanços e oportunidades dos empreendedores negros; c) Racismo institucional como barreira para os empreendedores negro. A seguir são sumarizados os estudos que compõem cada um desses blocos, numa narrativa estruturada a partir de uma linha do tempo, a fim de evidenciar como cada um deles se constituiu ao longo dos anos.

Bloco 1: Comparações entre empreendedores negros e brancos ou outros grupos étnicos

Pode-se dizer que a produção científica sobre empreendedorismo negro começou com os estudos de Levine (1972) e Light (1972). Segundo Levine (1972), o empreendedorismo negro é um movimento que tem como objetivo a igualdade de oportunidades econômicas entre negros e brancos. Seu artigo teve como finalidade identificar tendências para poder sugerir estratégias que pudessem auxiliar e incentivar o empreendedorismo negro a ser mais significativo. De acordo com as análises realizadas, seria importante esforços governamentais e políticas públicas para levar o capitalismo negro a alcançar melhores resultados. Light (1972), por sua vez, por meio de dados históricos sobre linhas de crédito, demanda do consumidor, operações bancárias e opiniões de grupos étnicos minoritários que sofreram discriminação, investigou as semelhanças e as diferenças na criação e desenvolvimento de pequenas empresas entre as comunidades de imigrantes japoneses, chineses e negros nos EUA. Chegou à conclusão de que cada um desses grupos enfrentava nessa época dificuldades diferentes, mas todos passavam por discriminação e lhes faltava acesso à educação formal.

Poucos anos mais tarde, Bates (1975) examinou pequenos negócios de empreendedores negros e descreveu as mudanças ao longo do tempo sobre o número e o volume de empréstimos em dólares direcionados para esses empresários por meio dos vários programas de empréstimo da SBA (Small Business Administration). Os números sugerem que o SBA estava aumentando o volume relativo de empréstimos a grupos minoritários e as evidências indicam que empréstimos cedidos pelo governo para promover o capitalismo negro diminuíram com o passar dos anos. A SBA estaria promovendo o empreendedorismo para os negros e outros grupos minoritários, porém confiando cada vez mais empréstimos a outros grupos e menos para os empresários negros, mostrando assim que os negros têm maior dificuldade dentre os grupos minoritários para conseguir crédito. Outro estudo de Light (1979) apontou como a discriminação racial contra negros e outros grupos minoritários resulta em desemprego e baixos salários. Consequentemente, os grupos minoritários precisam abrir seus próprios negócios.

Após um interregno nos anos 1980, já na década de 1990, Boyd (1996) argumentou que as mudanças na composição étnica no norte dos Estados Unidos afetaram negativamente as perspectivas econômicas dos negros e do empreendedorismo negro no início do século XX, quando a migração para essas cidades começou. Este problema colocou os negros em uma situação desvantajosa economicamente até o final do século XX, impedindo-os de desenvolver atividades empresariais. Em outro estudo, Boyd (1998) analisou a relação entre duas variáveis, sendo (1) o isolamento espacial dos negros e (2) a representação dos negros no comércio varejista no período entre 1900 e 1930. Concluiu então que, após o surgimento de comunidades negras segregadas nas cidades do norte ao final do período de estudo, o isolamento espacial aumentou a participação de negros no comércio varejista. Eles teriam encontrado um nicho de mercado. Razin e Light (1998), por sua vez, utilizaram dados do censo de 1990 e comparam 77 imigrantes e grupos étnicos nas 16 maiores áreas metropolitanas dos Estados Unidos. Seus resultados revelam uma distinção entre grupos tradicionais (migrantes europeus brancos) e grupos não tradicionais (migrantes latinos e asiáticos; e negros que já viviam no país). Comparados aos grupos tradicionais, os grupos não tradicionais se concentram em poucos nichos empresariais e exibem alta continuidade de nicho nas regiões metropolitanas.

Com base em dados que cobrem 21 anos de análise (1968 a 1989) do Panel Study of Income Dynamics nos EUA, Fairlie (1999) mostrou por que existe uma significativa diferença entre os negócios de negros e brancos, sendo a taxa de empregabilidade dos negros quase um terço da dos brancos. Alguns fatores importantes

podem explicar essa diferença, pois os negros têm pouco ou nenhum patrimônio financeiro e em sua maioria não possuem um negócio próprio na família. Fairlie e Meyer (2000) confirmam os resultados de Fairlie (1999), ao apresentarem um baixo índice de negros que possuíam empresas próprias em todos os tipos das indústrias de 1910 a 1990. Assim, os autores argumentam que ter pouca experiência empresarial tem um efeito negativo direto no desempenho de empresas de propriedades de negros.

Já no início deste século, Teixeira (2001) realizou um estudo na cidade de Toronto no Canadá com o objetivo de examinar o comportamento, estratégias e barreiras enfrentadas por proprietários de empresas étnicas e avaliar como raça e etnia impactam o empreendedorismo. A pesquisa visou investigar se existem diferenças no que diz respeito à utilização dos recursos do grupo (família, amigos e apoio/vínculos comunitários) e como esses recursos contribuem para a formação, manutenção e sucesso de empresas portuguesas e negras na região. Os resultados apontam que os empreendedores portugueses diferem significativamente dos empreendedores negros na medida em que confiam mais frequentemente em seus recursos comunitários étnicos. Já os empreendedores negros encontraram mais barreiras para iniciar e/ou operar seus negócios, particularmente em razão das dificuldades para obtenção de crédito/empréstimos de instituições financeiras e bancos. Contudo, apesar de tais barreiras, os empreendedores negros são mais otimistas do que os portugueses em relação ao futuro de seus negócios.

Kollinger e Minniti (2006), por sua vez, estudaram as variáveis relacionadas às diferenças entre estadunidenses negros e brancos no empreendedorismo. Os resultados mostram que os negros são duas vezes mais propensos a começar um negócio. Isso evidencia que a sub-representação de negros entre os empresários nos Estados Unidos não pode ser explicada pela falta de tentativa, mas sim por barreiras de entrada mais altas e elevadas taxas de falhas por falta de determinados conhecimentos. Em um dos raros estudos que aborda o universo das startups, analisando dados *do Panel Study of Entrepreneurial Dynamics (PSED)*, Edilman (2010) aponta que existem diferenças significativas entre empresas que pertencem às minorias e empresas não pertencentes aos segmentos minorizados no que diz respeito ao crescimento. Empresários negros são 50% mais propensos a se envolverem em atividades de startup do que os empreendedores brancos. No entanto, as empresas de propriedade de negros são menores e menos lucrativas do que suas contrapartes de propriedade de brancos.

Ogbolu, Singh e Wilbon (2015), por sua vez, realizaram um estudo que analisa as diferenças de percepção dos consumidores em relação aos empresários negros e brancos. Foram encontradas evidências empíricas de que existem relações significativas entre as percepções de legitimidade e as atitudes do consumidor em relação aos empresários, sugerindo a existência de desafios significativos enfrentados pelos empreendedores negros por não serem vistos como capazes de fornecer serviços ou produtos de qualidade. Já Fesselmeyer e Seah (2017) analisaram o efeito da segregação de bairros no empreendedorismo negro. Em seu estudo, eles abordaram a classificação de bairros tomando as médias das cidades por instrumentação para segregação usando configurações históricas. Os resultados sugerem que os enclaves raciais podem criar mercados protegidos para negócios de propriedade dos negros que atendem consumidores negros mantidos fora dos mercados devido à discriminação (um efeito positivo), ou podem refletir o isolamento e privação socioeconômicos motivados pelo racismo (um efeito negativo). Assim, se os empreendedores negros focam na venda de produtos para negros, a desigualdade social pode reduzir e a taxa de empregabilidade pode aumentar, como também as vendas e receitas, uma vez que beneficia principalmente as pessoas que vivem em comunidades negras.

Kopkin (2017) explorou a relação entre o preconceito racial e a diferença no trabalho autônomo entre negros e brancos, fornecendo a primeira evidência empírica direta de que o preconceito racial afeta negativamente os empreendedores negros, particularmente em indústrias de alto custo inicial. Os resultados do seu estudo indicam que o preconceito racial dificulta o acesso do empreendedor negro ao crédito para financiar seus negócios. Em outro estudo relativo ao universo das startups, e que também aborda a questão do crédito, Fairlie, Robb e Robinson (2020), exploraram as diferenças raciais nos resultados associados ao lançamento de novos negócios e para essa verificação foram utilizados dados confidenciais da Kauffman Firm Survey e *score* de crédito. Com isso, pode-se analisar as disparidades raciais no acesso ao capital para novos empreendimentos. Os resultados sobre a desigualdade racial no financiamento de startups indicam que negócios dessa natureza criados por negros começam pequenas e assim permanecem ao longo dos primeiros oito anos de atividade. As disparidades na qualidade de crédito restringem os empresários negros e os tratamentos que os bancos dão a eles também. Empresários negros solicitam empréstimos com menor frequência do que brancos e em grande parte isto se dá porque já esperam que o pedido seja negado, mesmo quando possuem bom histórico de crédito e em cenários onde fortes bancos locais favorecem o desenvolvimento de novos negócios. Para que as empresas de propriedade de negros e brancos se equiparassem em tamanho, as empresas de propriedade de negros precisariam de investimentos substancialmente maiores nos anos iniciais para compensar as diferenças no momento fundação.

Enfocando empresas de alto desempenho, com receitas superiores a 1 milhão de dólares, Conley e Bilimoria (2022) investigaram os obstáculos ao crescimento e como diferem entre as companhias pertencentes a empresários negros e brancos, levando em conta também a questão de gênero. Os resultados revelaram que a falta de acesso a capital é enfrentada por todos os grupos de empreendedores, mas mulheres negras se deparam com o sexismo como grande obstáculo para o crescimento de seus negócios. Enquanto todos os empreendedores usaram estratégias de capital social para mitigar as barreiras ao crescimento dos empreendimentos, as empresárias negras empregaram o engajamento em iniciativas governamentais e corporativas de diversidade como estratégias para superar os obstáculos.

Bloco 2: Avanços e oportunidades dos empreendedores negros

Inicia-se o segundo bloco, referente aos avanços e oportunidades que se colocam aos empreendedores negros, com o estudo de Sonfield (1993). Ele analisou questões básicas de progresso e sucesso no desenvolvimento de unidades de franquia de propriedade de negros. Algumas recomendações foram feitas para que as empresas franqueadoras desenvolvessem e fortalecessem franqueados de grupos minorizados, pois se o objetivo do franqueador é somente responder a pressões da sociedade e atingir cotas e metas numéricas, o esforço será o mínimo necessário para atingir essa demanda. Mas, se a empresa franqueadora assume as questões étnico-raciais na propriedade de suas unidades franqueadas como um impacto positivo que ela deve possuir na sociedade, então fará maiores esforços para atender às necessidades dos seus franqueados negros.

Com o objetivo de avaliar se as políticas de ação afirmativa voltadas para as empresas de proprietários negros ou de empresários pertencentes a outras minorias estão sendo realizadas com sucesso, Ram e Smallbone (2003) investigaram o entusiasmo político contínuo que incentiva o empreendedorismo no Reino Unido e influencia essas políticas. Os resultados sugerem que abordagens ineficazes são comuns para o suporte aos

empreendedores de grupos minorizados. Porém, alguns exemplos encorajadores de iniciativas potencialmente satisfatórias estão em evidência, o que pode refletir uma crescente conscientização das reais necessidades dessa população. Uma série de diretrizes para iniciativas futuras são apresentadas, incluindo a importância do multiculturalismo; a necessidade de uma estratégia de engajamento; o melhor acesso ao financiamento e a promoção da diversidade setorial.

Jones (2017), por sua vez, explora narrativas de empreendedores negros sobre suas experiências e examina como esses empresários aproveitam a capacidade de efetuar mudanças por meio do discurso sobre como se engajam com os desafios socioculturais e políticos. Foram identificados quatro conceitos principais interligados: empoderamento econômico, empoderamento comunitário, legado e empoderamento relativo à justiça social. Em geral, a narrativa dos empreendedores revelou que, para eles, o empreendedorismo negro configura-se como empoderamento cultural, pois se trata de uma ação voltada para construir riqueza e estabilidade econômica por meio de uma cultura potente. Sendo assim, o empreendedorismo negro é visto como um ato de resistência, uma maneira de trabalhar dentro do sistema para alcançar o empoderamento cultural apesar da discriminação e marginalização a que pessoas negras são submetidas. Rezende, Mafra e Pereira (2018) seguem essa linha de análise ao abordarem a atuação de empresários negros com negócios voltados à estética negra. Elas estudaram os salões étnicos, espaços que têm como finalidade cuidar do cabelo crespo e/ou cacheado de mulheres e homens negros. Os empreendimentos que elas enfocaram enfrentam uma lógica colonialista a partir de negócios que valorizam a identidade negra. Os resultados sugerem que estes salões são uma forma de resistência na medida em que produzem, reproduzem e mantêm saberes específicos fora do eixo capitalista dominante, contribuindo para a construção da identidade étnico-racial de pessoas negras em um país atravessado pelo racismo, como o Brasil.

Oliveira e Santos (2020) discutem como as práticas de organização e os modos de fazer são influenciados pela questão racial no cotidiano de trabalho de pessoas negras que empreendem. Para isso, realizaram um estudo com empreendedores negros residentes na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. Observaram práticas desses empreendedores implicadas com um compromisso estético e ético no combate às opressões raciais no cotidiano empresarial. Como resultados da pesquisa foram apresentadas algumas ações que se configuram como estratégias de resistência num contexto adverso: o auto reconhecimento como negro como um fator de grande relevância na experiência desses empreendedores; as feiras como pontos de encontros para fazer negócios; e as tecnologias móveis, a exemplo das redes sociais e dos aplicativos de mensagens instantâneas, como ferramentas utilizadas para práticas de organização.

Boyd (2020) examinou a Detroit Housewives League (DHL) com foco nas décadas de 1930 e 1940, tendo se concentrado nas ações dos membros da DHL como empresárias. As narrativas enquadraram a DHL como uma extensão do movimento de clubes de mulheres negras ou como parte dos movimentos de consumo dirigidos por mulheres negras na primeira metade do século 20. Essas mulheres da DHL trouxeram conhecimento prévio de gestão para sua organização e foram importantes líderes de negócios. Por conduzir pesquisas sobre a dinâmica dos negócios, criar redes comunitárias, implementar formas de educação empresarial na cidade, o trabalho dos membros da DHL foi vital para a comunidade de empreendedores negros como um todo e principalmente para as empresárias negras.

Com o objetivo de estudar o legado cultural dos negros no Brasil e contribuir para a desconstrução da imagem do negro atrelada à escravidão, Farias, Pimentel e Santos (2021) demonstram que o turismo étnico e o

afro turismo, operacionalizado mediante a comercialização de roteiros específicos, valorizam a cultura negra e possibilitam a abertura de postos de trabalho que podem beneficiar pessoas negras. Os resultados sugerem que essa forma de turismo possui conotações econômicas, políticas, sociais e culturais. Ela possui o potencial de valorização da cultura negra, de empoderamento do empreendedor negro e da população negra de maneira geral.

Bloco 3: Racismo Institucional como barreira para os empreendedores negro

Neste terceiro bloco estão inseridos artigos que tratam das barreiras que se interpõem aos empreendedores negros em razão do racismo institucional. Antes de sumarizar os resultados desses artigos é importante situar o conceito de racismo institucional, apontando suas forças e seus limites. De acordo com Vinuto (2023), esse termo foi forjado no final dos anos 1960 pelos intelectuais e ativistas do grupo Panteras Negras Stokely Carmichael e Charles Hamilton. Eles buscavam diferenciar o racismo aberto, representado por atos individuais que podem ser claramente identificados; de uma outra expressão racismo, resultante do funcionamento rotineiro de instituições estabelecidas na sociedade, sendo difícil identificar os indivíduos responsáveis.

Dito de outra forma, ainda segundo os ativistas estado-unidenses, “o racismo institucional refere-se a qualquer prática de uma organização, seja pública ou privada, que não promova um serviço adequado para certas pessoas devido à sua cor, cultura ou origem étnica, e se mostra sutil porque nem sempre é evidente que determinadas decisões e práticas afetam brancos e negros de modo diferenciado” (Vinuto, 2023, p. 302). Seguindo a trilha aberta Carmichael e Hamilton, Cashmore (2000, p. 172) aponta que o conceito de racismo institucional é utilizado para descrever “a natureza discriminatória e as operações, ainda que não intencionais, de organizações de grande escala ou sociedades inteiras”. Michel Wieviorka (1998, p. 27), por sua vez, destaca que que esta noção diz respeito a um “sistema generalizado de discriminações” que marcam o “funcionamento da sociedade”, constituindo uma “propriedade estrutural, inscrita em mecanismos rotineiros que asseguram a dominação e a inferiorização”.

O conceito possui força como ferramenta analítica, uma vez que ajuda a compreender que instituições, como o Estado, a Escola, as Empresas, os Bancos se estruturam com base em hierarquias raciais, mesmo que individualmente seus profissionais não percebam as ligações entre suas próprias ações e o tratamento distinto dispensado a brancos, negros e membros de outros grupos minorizados em razão de expectativas, hábitos e normas implicitamente mobilizadas. Ou seja, ele evidencia que mesmo que as pessoas não se reconheçam como racistas, ou se surpreendam se forem acusadas de o serem, as desigualdades raciais continuam se reproduzindo enquanto propriedades das instituições. Assim, se não forem implantadas medidas concretas para contrabalançar as tendências inerciais dessas instituições de perpetuar as desigualdades raciais, os membros dos grupos que são vítimas do racismo permanecerão confinados a postos subalternos na dinâmica econômica e política, onde são submetidos à discriminação em matéria de emprego e renda, educação, moradia, acesso ao sistema de saúde etc. (Vinuto, 2023; Wieviorka, 1998).

No entanto, o conceito possui também suas fraquezas. Ele possui o risco de fazer do racismo um fenômeno abstrato, sem conexão direta com ações racistas de atores concretos, isto é, os grupos racialmente dominantes, que, no mínimo silenciando sobre a existência das desigualdades raciais, se beneficiam do racismo. Ou seja, ele exonera os grupos racialmente dominantes de qualquer culpa pela produção e reprodução dessas

desigualdades, transferindo para todos, quando não para os grupos racialmente dominados, a responsabilidade pela sua eliminação. Ademais, ao estar assentado numa premissa estrutural e sistêmica, o conceito pode levar a uma paralisia, ao desconsiderar a capacidade de ação dos indivíduos no enfrentamento do racismo, resultando assim em um enfraquecimento da luta antirracista (Vinuto, 2023; Wieviorka, 1998).

Neste artigo, buscou-se mobilizar a força do conceito, capaz de sublinhar propriedades estruturais do racismo, desbastando-o de suas fraquezas, uma vez atentou-se para as ações dos empreendedores negros entrevistados no estudo face às situações de discriminação racial com as quais se defrontaram em suas experiências. Tendo isso em mente, passa-se a seguir aos artigos levantados na revisão da literatura e classificados nesse bloco.

Coles (1973) apresentou a relação e os efeitos dos empréstimos liberados pelas instituições financeiras às empresas criadas por pessoas negras. Os resultados mostraram que os recursos das instituições financeiras no setor privado quase não tinham sido aproveitados para a assistência ao desenvolvimento de empresas negras, mesmo os ativos sendo distribuídos entre essas instituições com o objetivo de fomentar o empreendedorismo negro em diversas regiões dos Estados Unidos. Já Irons (1976) realizou uma revisão da literatura sobre empreendedorismo negro, enfocando suas justificativas, problemas e perspectivas enquanto dinâmica econômica em ambiente altamente racista. Segundo ele, a comunidade empresarial, base de poder mais fundamental nos Estados Unidos, relutou muito, mas cedeu a entrada dos negros. Não é de se admirar que historicamente esse segmento populacional tenha estado fora desse ambiente.

Silverman (1998), por seu turno, apresentou uma análise de grandes empresas de proprietários negros. Ele se concentrou nas experiências de fabricantes em uma única indústria e em três períodos históricos distintos. De acordo com ele, considerar esses períodos em conjunto é crucial, uma vez que revelam o quão firme era a indústria étnica de produtos de beleza estabelecida como uma instituição negra em Chicago, e como a instabilidade dos fabricantes negros contemporâneos neste setor está ligada às experiências históricas dos empresários negros em geral. Também trabalhando com um recorte histórico, Boyd (2000) argumenta que a grande depressão e o desemprego obrigaram os negros a iniciarem seus próprios negócios motivados pela necessidade. Os resultados do seu estudo revelaram que nas cidades do norte a participação de negros em diversas ocupações empresariais foi significativamente associada às más perspectivas no mercado de trabalho, sendo as mulheres negras as mais afetadas nessas cidades.

De uma perspectiva mais geográfica, privilegiando a análise da dinâmica sócio espacial, Bates (2006) evidenciou que negros que residem nos bairros próximos a região central das cidades são mais atingidos pelo desemprego e pela pobreza urbana, uma vez que há um déficit de empregos no centro. O autor argumenta que as políticas de recuperação de áreas urbanas degradadas não necessariamente garantem emprego para os negros que vivem nessas localidades. No entanto, há uma nova geração de empresas bem-sucedidas e qualificadas de empresários negros que empregam principalmente trabalhadores negros. A pesquisa explora o recente sucesso desses empreendedores e sinaliza para estratégias capazes de melhorar os seus negócios, contribuindo assim para a redução do desemprego na comunidade negra. Já Boyd (2010) enfocou empresas de varejo criadas por negros e a segregação racial em cidades no norte dos Estados Unidos. Ele demonstra que o empreendedorismo negro nas cidades do norte não foi afetado pela segregação residencial por raça mesmo depois da formação dos guetos. No entanto, uma análise dos dados do censo mostrou que, no norte urbano durante o final do século XIX, a segregação residencial dos negros estava positivamente associada ao índice de lojistas negros, de forma que os

empresários negros do varejo eram comerciantes e não vendedores ambulantes de pequenas mercadorias. Essa descoberta está de acordo com a teoria de que os negócios étnicos são muitas vezes sustentados pela segregação residencial dos membros do grupo étnico.

Outro estudo realizado por Boyd (2019), dessa vez com recorte histórico, evidenciou que pesquisas anteriores haviam apontado que durante o início do século XX as diversas atividades dos empresários negros não foram organizadas em uma economia étnica coerente. No entanto, ele empreendeu uma análise minuciosa com os dados do Censo, o que lhe permitiu colocar essa constatação em xeque. Isto porque foram encontradas evidências que sugerem que importantes empreendimentos econômicos e sociais coexistiam para benefício das comunidades negras das cidades que foram os principais destinos dos migrantes negros do Sul no início do século XX.

Já o trabalho de Harper-Anderson (2017) aborda os fatores que influenciam os resultados dos empresários negros do setor de serviços em Chicago. Ele conduziu um estudo qualitativo, cujos resultados indicam que barreiras raciais, cultura de empreendedorismo e a natureza do setor de serviços se combinam para formar um ambiente de negócios não acessível a todos. O autor sugere que a inclusão de modelos exitosos para esse ambiente de negócios e medidas de responsabilização são necessárias para aumentar as oportunidades deste segmento populacional.

Visando explorar a participação dos empreendedores negros no Brasil no período de 1990 a 2008, Oliveira, Pereira e Souza (2013) discutem como fatores étnico-raciais influenciam o perfil dos empreendedores brasileiros. Os resultados sugerem que além de os empreendedores negros apresentarem as mesmas dificuldades de outros empreendedores no país, as questões raciais interferem na dinâmica dos empreendimentos realizada pelos negros, especialmente a relacionada à captação de recursos, relação com fornecedores, clientes e funcionários. Os empreendedores negros encontram maiores dificuldades de acesso a recursos financeiros e se deparam com barreiras relativas também aos processos de gestão de seus negócios.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA E ESTRATÉGIAS DE INVESTIGAÇÃO

A pesquisa que embasou este trabalho visou compreender as experiências de pessoas negras ao empreenderem no universo das startups. Trata-se de um estudo exploratório e qualitativo, motivado por duas razões principais: (1) a necessidade de uma abordagem que favoreça o entendimento introdutório do fenômeno estudado; (2) a busca por compreender a realidade construída e interpretada pelos atores envolvidos, privilegiando suas perspectivas. Os dados foram construídos por meio de entrevistas em profundidade (Creswell, 2014), de tipo compreensivas, isto é, aquela em que, de acordo com Kaufmann (2007), o pesquisador deve assumir uma postura empática e tatear até encontrar a boa questão, a saber: não a que é dada pelo seu roteiro, mas a que emerge a partir do que acaba de ser dito pelo seu interlocutor. Por meio dessas entrevistas foi possível reconstruir narrativas de vida (Bertaux, 2006) dos sujeitos entrevistados sobre suas experiências empreendedoras.

Para isso, foi elaborado um roteiro semiestruturado com base na literatura existente, ainda que esta não aborde diretamente o tema de empreendedores negros em startups, dada a lacuna de pesquisa apresentada na introdução. Este roteiro foi utilizado de forma flexível, permitindo a exploração de temas emergentes ao longo das conversas com os entrevistados (Godoi; Bandeira de Melo; Silva, 2010).

Os participantes da pesquisa foram selecionados por conveniência, focando em empreendedores do universo das startups que se identificam como negros. Três empreendedores se dispuseram a colaborar. As entrevistas foram realizadas online, com duração média de 45 minutos. Todas as conversas foram gravadas, com o consentimento livre e esclarecido dos participantes, e posteriormente transcritas para análise. O anonimato dos participantes e das organizações criadas por eles foi respeitado, utilizando-se nomes fictícios para os empreendedores e suas startups. O perfil dos entrevistados é apresentado no quadro 01.

Quadro 1 – Perfil dos entrevistados

Nome	Idade/Estado civil	Profissão	Funcionários	Experiência profissional
Wesley	30 anos / UE	Dentista	31	Trabalhou no SUS em Saúde da Família, fez residência em saúde básica
Anderson	43 anos / solteiro	Geógrafo	18	Trabalhou em mineradoras, telecomunicações, entre outras empresas
Kevin	37 anos/solteiro	Assistente Social	25	Trabalhou em ONGs, experiência em restaurantes em Portugal

Fonte: os autores (2024).

A interpretação dos dados foi realizada com base na análise de narrativas proposta por Daniel Bertaux (2006, p. 2014). Para ele, um discurso assume forma narrativa quando um sujeito conta (relata) a outra pessoa, pesquisador ou não, episódios de sua experiência vivida (Bertaux, 2006). O sociólogo acrescenta a importância de o analista atentar para o curso de ação apresentado pelos sujeitos ao longo das narrativas. Trata-se de levar em consideração a sequência de ações que o sujeito afirma ter executado no tempo para tentar realizar seus projetos. Segundo ele, essa é uma ação pensada, refletida, antecipada, traduzida em estratégias. Uma ação que depende de mobilização de capitais sociais e subjetivos, mas que também encontra, ao longo de seu desenvolvimento, obstáculos imprevistos que modificam seu curso. Obstáculos esses que advém do fato de o indivíduo não agir no vazio, mas sim numa dada sociedade, já constituída e habitada por diversos outros autores. Isso pode levá-lo a abandonar um projeto por considerá-lo muito difícil ou custoso (Bertaux, 2014).

Seguindo as recomendações de Creswell (2014) quanto a importância de situar os resultados em um contexto teórico mais amplo para entender melhor as complexidades do fenômeno em estudo, a análise dos dados buscou relacionar as experiências dos empreendedores entrevistados com os achados dos artigos mapeados na revisão da literatura sobre empreendedorismo negro. Dessa forma, pretendeu-se identificar convergências, divergências e novas perspectivas em comparação aos estudos prévios. Por exemplo, se a revisão da literatura apontou que empreendedores negros frequentemente enfrentam dificuldades no acesso a financiamento e essa barreira também foi mencionada pelos entrevistados dessa pesquisa, tal convergência reforça a validade do achado. Em outras palavras, as comparações entre os resultados dessa pesquisa e os achados encontrados na revisão da literatura corroboram, desafiam ou expandem o conhecimento existente. No caso desse artigo, o objetivo maior é contribuir para o avanço da literatura sobre empreendedorismo negro em startups, com foco especial em startups.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Wesley tem 30 anos, vive em uma união estável, sem filhos e o seu empreendimento possui 31 funcionários. Nasceu na Bahia, onde cursou a graduação em odontologia e o mestrado em saúde pública na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Após concluir a graduação, atuou no SUS na área de saúde da família. Nessa ocasião, também fez residência em saúde básica. Sua jornada até o empreendedorismo se iniciou por circunstâncias profissionais, pois quando concluiu a graduação, se deparou com a difícil realidade dos dentistas no Brasil. Segundo o próprio Wesley: “Odontologia é um curso que não trata do tema empreendedorismo, apesar de os dentistas também serem empreendedores. O empreendedorismo nunca teve um lugar ou presença na minha formação, porque em nenhum momento da minha adolescência, faculdade ou até mesmo no início da carreira, esse tema foi abordado”.

Em 2019, quando cursava o mestrado, houve grande corte de bolsas para os cursos de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. Dessa forma, ele se viu obrigado a buscar um trabalho que o permitisse se manter e realizar a pesquisa. Além disso, estava descontente com a carreira de dentista, especialmente no que se refere ao ganho que lhe proporcionava. Foi então que lhe veio à mente uma ideia a partir de um pedido aparentemente inusitado de uma colega de profissão. Ela queria a indicação de um dentista especialista em tratamento de canal e que fosse negro para poder indicar a uma paciente. Justificou sua demanda por um profissional negro, apontando que essa paciente já havia sofrido discriminação racial em consultórios odontológicos de dentistas brancos. Pensou então que seria interessante criar uma startup juntamente com um sócio, também negro, com o propósito de conectar profissionais negros da área odontológica com a população negra. Havia ali uma oportunidade. A ideia evoluiu e ele ponderou que seria mais interessante abarcar os profissionais negros da área de saúde de uma maneira geral.

Para desenvolver seu negócio, buscou aprofundamento em alguns temas, como: saúde da população negra, discriminação racial na área de saúde e empreendedorismo, para que a empresa que pretendia criar conseguisse definir melhor sua proposta de valor. Com o amadurecimento dessa proposta, os empreendedores participaram do programa *Like a Boss*, do Sebrae, que é focado em capacitações para cada estágio do negócio, realização de desafios e apoio a eventos envolvendo parceiros estratégicos do ecossistema de inovação. Sobre os maiores obstáculos enfrentados pela empresa em seu início, Wesley apontou a falta de acesso a crédito e investimento. Ele abordou esse aspecto na passagem da entrevista transcrita abaixo:

Será que alguém vai investir em uma ideia? Como podemos construir algo gastando o mínimo possível? Desde quando a gente surgiu, a gente só se esbarrou no problema do acesso a investimento para empreendedores negros. Fomos chegando naquele momento de como é que iríamos construir nosso negócio e caímos numa barreira que existe para empreendedores negros e de outras minorias, como mulheres e LGBTQs. Esses grupos sociais ainda têm dificuldades em acessar algum tipo de capital, investidores anjos, fundos de investimentos e até empréstimo em bancos.

Essa declaração feita pelo entrevistado corrobora um aspecto encontrado na revisão da literatura relativo a obstáculos e dificuldades encontrados por empreendedores negros na gestão do negócio. Segundo Wesley, o ecossistema de inovação, que é composto por incubadoras, aceleradoras, investidores etc., resiste ao que é diferente ou incomum, se comparado ao que já é praticado no mercado. Com isso, portas são fechadas para os

empreendedores negros e seus negócios por conta do desconhecimento, pelo fato de esses atores não entenderem o propósito social do negócio, principalmente quando se trata de um propósito social com recorte racial (Fairlie; Robb; Robinson, 2020; Fesselmeyer; Seah, 2017; Kopkin, 2017).

Wesley relatou que, para a superação desses obstáculos, contou com o apoio de pessoas negras e não negras aliadas à causa do empreendedorismo negro, que estavam a mais tempo atuando no ecossistema de empreendedorismo e inovação. Elas foram abrindo as portas. Ressaltou que foi de suma importância o primeiro processo de aceleração que a startup passou junto à aceleradora Vale do Dendê, que é um negócio de impacto social sediado na cidade de Salvador, destinado a fomentar ecossistemas de inovação e criatividade com foco em diversidade. Considera que esse processo deu grande visibilidade à empresa recém-criada e ao seu negócio. Nota-se assim que a existência de uma aceleradora cuja atuação está voltada para a diversidade, incluindo a racial, representa uma oportunidade importante, uma vez que se constitui num capital social por meio da articulação de redes, étnicas ou não, que ajudam na alavancagem do negócio (Oliveira; Santos, 2020; Oliveira; Pereira; Souza, 2013).

Outra oportunidade detectada por Wesley foi o aproveitamento da sua imagem profissional como estratégia para construir a reputação do empreendimento. Isso porque ele conta com reconhecimento social por ser uma referência em saúde e diversidade, tendo realizado pesquisas sobre saúde do trabalhador, relacionando-a com diversidade e inclusão. Sendo assim, sua imagem emprestou um peso importante para o negócio, que foi se tornando único no mercado. Atualmente a empresa é referência em saúde e diversidade, principalmente diversidade racial, possuindo um propósito social muito bem definido. A questão do engajamento social e étnico do empreendedor como oportunidade para o desenvolvimento do negócio também foi encontrado na revisão da literatura (Farias; Pimentel; Santos, 2021).

Para Wesley, existem alguns pontos comuns nas experiências de empreendedores negros no universo da tecnologia e das startups. Ele identificou que, de forma geral, os obstáculos que todos eles encontram são os mesmos, como a dificuldade de conseguir crédito ou investimento, e mesmo barreiras para acessar o ecossistema de inovação. Do ponto de vista positivo, ou seja, das oportunidades, ele ressaltou o fortalecimento crescente da atuação em rede. De acordo com ele, as startups criadas por empreendedores negros têm se tornado parceiras e clientes umas das outras. No que se refere ao empreendedorismo negro de maneira mais geral esse fenômeno da solidariedade e da tecitura de redes também foi observado na revisão da literatura (Boyd, 2020).

O programa de investimento *Black Founders Fund*, do qual a empresa de Wesley recebeu incentivo, é um fundo criado pela Google para investir em startups fundadas por pessoas negras. Ele destacou que esse programa colaborou para a construção e ampliação dessa rede. Em síntese, em sua narrativa Wesley destacou que mesmo tendo uma experiência permeada pelo racismo institucional (Cashmore, 2000; Vinuto, 2023; Wiewiorka, 1998), relativo à discriminação racial vividas pelas pessoas negras na área de saúde, procurou superar obstáculos relativos ao acesso ao crédito e outros investimentos, barreiras para ingressar no ecossistema de inovação. Soube também aproveitar oportunidades (pessoas negras e brancas aliadas, mais experientes no campo do empreendedorismo e da inovação, e conscientes da importância e das especificidades vividas pelos empreendedores negros, reputação da sua imagem) para conseguir alavancar seu negócio. Tanto a dificuldade de acesso a recursos e a crédito, quanto a superação dos obstáculos e o aproveitamento das oportunidades foi apontada na revisão da literatura (Fairlie; Robb; Robinson, 2020; Fesselmeyer; Seah, 2017; Kopkin, 2017; Oliveira; Pereira; Souza, 2013).

Wesley destacou como uma de suas principais conquistas os investimentos recebidos de diferentes origens, como aqueles provenientes de investidores anjo, do fundo do Google e da Fintech Nubank, citados anteriormente. E ressaltou que a maior conquista de todas foi conseguir colocar o produto na “rua” e mais recentemente a entrada no mercado corporativo.

Anderson nasceu em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro. Ele tem 43 anos, é solteiro e não possui filhos. É geógrafo e o seu empreendimento conta hoje com 18 funcionários. Sua família vivia uma situação precária quando ele nasceu e por ficarem sem moradia, foram acolhidos por um terreiro de umbanda. Esse terreiro seria um local para moradia provisória, mas se tornou o lugar onde morou os primeiros 14 anos de sua vida. Anderson abordou os aprendizados que teve no terreiro no seguinte trecho da sua entrevista: *“Ali naquele espaço fui tendo aprendizados que hoje fazem parte do valor do meu negócio, como acolhida, ancestralidade, referências afro civilizatórios”*. Isso porque, como ele resalta, sua mãe *“foi adotando vários outros irmãos e irmãs, tornando minha família muito maior”*.

Anderson ressaltou que desde muito pequeno revelou uma personalidade ousada, voltada para iniciativas. Uma delas foi na década de 1980, quando tinha aproximadamente 11 anos de idade e começou a organizar excursões para a praia. Como sua família era muito pobre e grande, acessar espaços de lazer era difícil. Considera essa sua primeira atividade empreendedora e de natureza associada ao seu atual ramo de atividade, que é o turismo. Com um perfil articulado e mobilizador, começou a participar de grupos de jovens da igreja católica e de movimentos sociais, se tornando ativista em diferentes causas. Esse feito lhe proporcionou oportunidades e uma delas foi ingressar no movimento de pré-vestibulares que lutava, na década de 1990, por ações afirmativas para jovens negros e de baixa renda. A partir desse movimento, Anderson passou a tomar parte de uma experiência de ações afirmativas via bolsas de estudos e ingressou na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Durante a graduação, em 2004, foi o primeiro negro da Baixada Fluminense a receber uma bolsa de intercâmbio para estudar nos Estados Unidos, na prestigiosa universidade de Harvard.

Após se formar, em 2006, teve acesso rapidamente ao mercado de trabalho, tendo atuado em mineradoras, empresas de telecomunicações, dentre outras. Sendo um homem negro, com uma identidade positivamente afirmada, *dread* no cabelo desde muito jovem, sempre vivenciou situações de racismo. Em uma das empresas que atuou, era necessário fazer muitas viagens. Então, sempre teve problemas em hotéis, como descreve no seguinte trecho da entrevista: *“Minhas reservas eram as que mais demoravam a serem encontradas; e quando retornava à noite de jantares, era comum ter abordagem de seguranças do hotel me questionando se eu era hóspede. Então, desde muito jovem eu já sabia o que era o racismo”*.

Anderson relatou que foi morando em um apartamento no bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro, que teve as experiências mais contundentes de racismo. Ele pretendia alugar quartos do imóvel para hóspedes por meio de aplicativos. Contudo, as pessoas se negaram a ficar dentro de sua casa por ser ele um anfitrião negro. Naquele momento, percebeu que não poderia fornecer um serviço que o submetesse a viver situações de racismo dentro da própria casa. Essa situação o feria diretamente como cidadão e como consumidor que estava pagando por um serviço em uma plataforma digital.

A partir desse momento, percebeu a necessidade da existência de serviços dentro do mercado de turismo que tratassem pessoas negras com atendimento mais qualificado e inclusivo, para eliminar situações de discriminação racial que consumidores negros costumeiramente vivenciam. Assim, criou uma startup com propósito social e a missão de promover o conhecimento de lugares, pessoas, histórias e patrimônios da

população negra. A empresa tem também o objetivo de tornar pessoas negras anfitriãs, por acreditar que dessa forma contribui para fazer com que a hospedagem de pessoas negras seja mais agradável, reduzindo a possibilidade de hóspedes e anfitriões negros serem vítimas de racismo.

Sobre os maiores obstáculos encontrados na sua atuação como empreendedor, Anderson destacou que a jornada para empreender no nosso país é desafiadora para qualquer pessoa. Os desafios estão na estrutura de como se opera o estímulo à abertura de empresas. O que se encontra é muita burocracia e uma carga tributária que atrapalha muito o desenvolvimento do negócio em suas primeiras fases. Porém, acredita que para o empreendedor negro os desafios são bem maiores, uma vez que o racismo atravessa a sociedade brasileira, colocando maiores barreiras para quem é negro. Para ele, do ponto de vista econômico-financeiro, o empreendedor negro não possui uma família e uma boa rede de contatos para ajudar a potencializar os primeiros anos do negócio. Então quando esse empresário vai para uma instituição financeira para conseguir crédito, enfrenta o obstáculo da confiabilidade, que está associada ao racismo, conforme já apontado na revisão da literatura (Fairlie; Robb; Robinson, 2020; Fesselmeyer; Seah, 2017; Kopkin, 2017; Oliveira, Pereira; Souza, 2013). Ele enfocou esse aspecto na seguinte passagem de sua entrevista:

Eu tenho a compreensão do que representa ser negro nesse país racista. Sei que sou parte de uma estrutura desigual e que dentro dos mecanismos financeiros, de oportunidades e acesso, sobretudo para empreendedores negros, os desafios serão maiores para mim, que faço parte desse grupo, do que para uma pessoa não negra.

A startup criada por Anderson superou desafios desde o começo. No início, quando tinham apenas a ideia, era necessário entender como fazer para que essa ideia se tornasse um negócio de fato. Para isso, ele e seus sócios participaram em 2017 de um curso na aceleradora de startups Ace e em seguida foram para a primeira aceleração na Yunus com a Oi Futuro, também em 2017. Essa aceleração ajudou a desenvolver o plano para iniciar a operação e abriu portas para uma segunda aceleração mais qualificada, lançada pelo Facebook no Brasil em parceria com a aceleradora Artemísia. Essa segunda aceleração, que ocorreu em 2018, ajudou a empresa a validar mais serviços da plataforma digital. Nessa oportunidade, dentre as startups que participaram do programa, a que foi criada por Anderson teve um dos melhores resultados, tanto de aproveitamento do programa, quanto de crescimento. O ótimo resultado gerou novas oportunidades para diálogo com fundos de investimento e resultou em um convite de um dos maiores Hubs de inovação do país, o InovaBra do Banco Bradesco, para que a sede da empresa fosse levada para dentro da estrutura física do Hub e participasse de seu programa de aceleração. Como consequência de toda essa trajetória, veio em 2019 o primeiro aporte realizado por investidores.

Quanto ao entendimento por parte dos agentes que compõem o ecossistema de inovação sobre as particularidades vividas pelos empreendedores negros, Anderson destacou que atualmente esse entendimento é diferente se comparado ao que ele percebia a cinco anos. Para ele, houve uma evolução nesse aspecto. Considera que as aceleradoras pelas quais sua empresa participou já entenderam a necessidade de apoiar e fomentar o empreendedorismo negro. Acrescentou que elas têm a sua empresa como referência, uma vez que foi uma das primeiras startups criada por negros que participou de grandes programas de aceleração no país.

Ainda segundo Anderson, hoje é possível notar uma repercussão maior das falas e posicionamentos de empreendedores negros, ou da ausência de representação negra nesses espaços. Isso coloca esses agentes do

ecossistema de inovação em situação de constrangimento, levando-os a investir em diversidade e inclusão racial. Porém, ressaltou que ainda estamos longe do que seria de fato necessário ser feito nesse campo.

Dentre as maiores conquistas de sua startup, Anderson destacou que em 2022 recebeu um prêmio da Organização Mundial do Turismo, que reconheceu a sua empresa como a principal marca de afro-turismo da América Latina. Figurou também entre os três primeiros colocados no Prêmio Empreendedor Social da Folha de S.Paulo. De toda forma, segundo ele, a principal conquista da empresa se deu em 2022 quando superou a meta de resultados do negócio, tendo um crescimento sustentável, mesmo em um ano cheio de desafios para o país e principalmente para a economia, por conta da pandemia do COVID-19.

Kevin nasceu na zona sul de São Paulo, tem 37 anos, é solteiro e o seu empreendimento possui 25 funcionários. Fez a graduação em serviço social, curso que lhe levou a perceber que educação e alimentação são direitos básicos da população. Com 21 anos foi para Portugal, com a intenção de sair da realidade cruel onde vivia, e lá trabalhou em restaurantes de diferentes portes. Contou que no início lavava louça, mas depois passou a cozinhar, quando foi adquirindo grande experiência ao longo de seis anos. Após voltar para o Brasil, decidiu deixar um trabalho CLT em uma ONG, para junto com uma sócia empreender uma escola de gastronomia na periferia de São Paulo para pessoas da própria comunidade.

Além das aulas presenciais, o seu negócio conta com uma plataforma digital, que foi desenvolvida durante a pandemia, e fornece aulas online; e um restaurante escola localizado num bairro de classe média alta da zona oeste de São Paulo. Sobre os maiores obstáculos enfrentados pela empresa em seu início, Kevin também apontou o acesso ao crédito e outros investimentos. *“Como convencer os investidores, a partir de uma lógica periférica e preta, que algo que você está fazendo é importante e realmente impacta diretamente a vida das pessoas, a ponto de eles investirem o seu capital na sua empresa?”*, indagou ele. Esses obstáculos também foram abordados na literatura (Fairlie; Robb; Robinson, 2020; Fesselmeyer; Seah, 2017; Kopkin, 2017; Oliveira, Pereira; Souza, 2013). A segunda principal dificuldade ressaltada por ele diz respeito à carga tributária que pesa sobre as pequenas empresas no Brasil. Segundo Kevin, elas pagam proporcionalmente o mesmo percentual de tributos que empresas grandes, “multibilionárias”.

O entrevistado sinalizou ainda a questão identidade étnico-racial dos empreendedores negros. Destacou a diferença de tratamento que pessoas negras e periféricas sentem quanto à circulação em certos espaços, evidenciando mais uma vez a barreira imposta pelo racismo institucional (Cashmore, 2000; Vinuto, 2023; Wieviorka, 1998) e ressaltando as consequências que pode acarretar no plano individual. Ele enfocou esse aspecto na seguinte passagem de sua entrevista: *“Se você estivesse no mesmo lugar como negócio ou como pessoa, fosse branco e morasse em um bairro nobre da cidade de São Paulo, o seu tratamento seria outro. Isso é lógico, não estou dizendo o que achamos, estou dizendo o que sentimos”*.

Mencionou esse aspecto destacando que quando uma pessoa negra alcança um lugar que não foi preparada para estar, o de empreendedora, por exemplo, ela precisa gerir uma equipe, entender de finanças, tecnologia e negócios. Isso a coloca numa posição social acima das pessoas do seu lugar de origem, mas ainda abaixo das que vieram de lugares de elite, estudaram em instituições ditas de primeira linha e não são negras. Isto reforça o argumento de que o racismo é uma barreira cruel enfrentada pelos empreendedores negros (Fesselmeyer; Seah, 2017).

De acordo com Kevin a consequência disso é que se torna comum que pessoa brancas numa situação de privilégios desconfie da competência da pessoa negra para estar naquela posição de destaque, para ocupar aquele

espaço. Assim, o racismo institucional (Cashmore, 2000; Vinuto, 2023; Wieviorka, 1998) tem consequências subjetivas. As acelerações pelas quais a sua empresa participou e os treinamentos individuais que Kevin pode realizar, como por exemplo cursos de negócios na Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EAESP-FGV), foram fundamentais para a superação dessas barreiras interpostas pelo racismo institucional. Somado a isso, pessoas influentes que acreditam na causa, e no seu negócio, também o apoiaram. Essa capacidade de conexão em rede culminou em bons resultados para a sua empresa, o que também é observado na literatura (Oliveira; Santos, 2020; Oliveira; Pereira; Souza, 2013).

Como principal oportunidade, Kevin apontou que o momento atual é muito propício para os empreendedores negros, pois nunca a pauta racial em relação aos negócios foi tão discutida quanto está sendo atualmente. Ele considera que, ainda que esse movimento seja incipiente em relação ao que poderia e deveria ser, não há como negar as oportunidades, como por exemplo a existência de incentivos de empresas e fundos apoiando empreendedores negros.

Kevin ressaltou que tais investimentos ainda são baixos, quando comparados a investimentos recebidos por startups de pessoas não negras e que não são periféricas. Para ele, enquanto quem tomar decisões importantes referentes ao mundo dos negócios forem exclusivamente pessoas brancas, as particularidades vivenciadas pelos empreendedores negros, e especialmente as suas dificuldades, não serão percebidas ou entendidas em toda a sua complexidade.

Para que exista uma equidade entre os diferentes perfis de empreendedores, segundo ele, os negros precisariam estar em posição de tomar decisões importantes. Somente desta forma as particularidades dos empreendedores negros seriam assistidas de fato. Em relação a outros empreendedores negros, Kevin destacou que a adversidade vivida pela população negra periférica tem um potencial de gerar solidariedade e inovação social e de negócio. *“É importante ressaltar que a população negra em geral precisa colaborar com negócios pretos para fortalecer e empoderar a comunidade”*, destacou ele. *“As pessoas pretas precisam despertar para essa consciência de que cada um tem o poder de escolher onde gastar seu próprio dinheiro”*, complementou.

Dentre as principais conquistas alcançadas pela sua empresa, Kevin destacou o reconhecimento alcançado por alunos formados na sua escola de gastronomia e que estão trabalhando na área, ou abrindo o próprio negócio. Em relação a prêmios, disse que recebeu em 2022 o prêmio Inspiração promovido pelas Organizações Globo e sua empresa conquistou outros dentro e fora do país, mas acredita que isso é insuficiente para um empreendimento que se inicia com tantas dificuldades. Ele abordou com acidez esse aspecto no trecho da entrevista transcrito abaixo:

Chega disso de receber troféu ou menção honrosa. Quem busca troféus são pessoas brancas. Nós queremos reconhecimento em dinheiro, e se for prêmio, que venha em dinheiro, porque nosso negócio é fantástico e, mesmo com dificuldades e com altos impostos, nós fazemos isso com muita verdade.

Nas entrevistas realizadas foi possível notar que nenhum dos empreendedores entrevistados nasceu em meio a privilégios; muito pelo contrário, todos vieram de realidades bem modestas. Porém, mesmo com as dificuldades causadas pela pobreza, todos frequentaram o ensino superior e se formaram. Ademais, a despeito de motivações diferentes para empreender, eles escolheram a atividade empreendedora por um propósito, ligado à questão social e racial. Optaram por criar startups em razão das situações constrangedoras que eles mesmos, ou

pessoas próximas, vivenciaram. Tomaram o incômodo ou revolta diante dessas situações como combustível para transformar a realidade e o contexto de vida das pessoas pretas e periféricas por meio de suas iniciativas empreendedoras. Esses argumentos corroboram os achados do estudo de Jones (2017), que aponta quatro conceitos principais interligados a ação de empreendedores negros: empoderamento econômico, empoderamento comunitário, legado, e empoderamento da justiça social. Dessa forma, mostra que o empreendedorismo negro é um ato de resistência, uma forma de empoderamento cultural apesar da discriminação e marginalização sofrida por pessoas negras.

Outro ponto em comum que chama a atenção é que por falta de experiência empresarial, no início do ciclo de vidas dos seus empreendimentos, todos os entrevistados foram buscar conhecimentos para poder gerir o negócio. Isso corrobora os resultados da pesquisa de Fairlie (1999), para quem os negros, em sua maioria, não possuem um negócio próprio na família, o que contribui para a falta de experiência empresarial. Vai ao encontro também dos achados apontados no estudo de Fairlie e Meyer (2000), que argumentam que ter pouca experiência empresarial tem um efeito negativo direto no desempenho de empresas criadas por empreendedores negros. Para superar essa lacuna, os entrevistados estudaram temas como gestão de negócios, empreendedorismo, inovação, tecnologia e principalmente procuraram entender como funciona o ecossistema de startups. Conhecimentos específicos de cada ramo de atividades também foram buscados. Não somente cursos, mas também dados e estudos sobre os mercados que pretendiam explorar.

Em relação aos desafios e barreiras enfrentadas, os três entrevistados apontaram a carga tributária que incide sobre pequenas empresas. Para eles, isso dificulta muito o desenvolvimento do negócio no período inicial. Ressaltaram que consideram injusto que uma pequena empresa pague o mesmo percentual de impostos que grandes empresas pagam. Outra barreira citada foi a dificuldade de conseguir capital por meio de investidores. Esse argumento confirma o que Fairlie, Robb e Robinson (2020) apontam sobre análises das disparidades raciais no acesso ao capital para novos empreendimentos. Eles ressaltam que para os empreendedores negros o investimento em startups é mais restrito fazendo com que essas empresas comecem pequenas e assim permaneçam ao longo dos primeiros oito anos de atividade, o que dificulta seu desenvolvimento.

Os empreendedores negros entrevistados sinalizaram ainda que os investidores, por serem em sua maioria homens brancos oriundos de camadas privilegiadas, desconhecem a importância e a relevância da pauta racial nos negócios. Teixeira (2001) e Kopkin (2017) confirmam também que os empreendedores negros encontram mais barreiras para iniciar a operação de seus negócios, especificamente pelas dificuldades para conseguir crédito/empréstimos de instituições financeiras e bancos. E para Oliveira, Pereira e Souza (2013) as questões étnicas influenciam a dinâmica dos empreendimentos realizados pelos negros, sobretudo no que se refere à captação de recursos. Além disso, o tratamento oferecido nesses espaços não é o mesmo que as pessoas brancas recebem. Em síntese, segundo os entrevistados convencer homens brancos que um serviço que promove equidade racial e social transforma vidas e impacta de forma positiva a sociedade, podendo se constituir num bom negócio, é um grande desafio.

A despeito de todas essas barreiras, os programas de aceleração que seus empreendimentos puderam participar e a educação que cada um teve acesso foram as principais molas propulsoras para que as startups que iniciaram alcançassem bons resultados. Identificar pessoas negras e não negras relevantes no ecossistema de inovação, sensíveis às pautas sociais e raciais, foi também considerado por eles como um aspecto fundamental para a superação de obstáculos impostas pelo racismo institucional (Cashmore, 2000; Vinuto, 2023; Wiewiorka,

1998). Por fim, há o reconhecimento, por parte dos entrevistados de que o momento atual para empreendedores negros no universo da tecnologia e da inovação é mais favorável do que aquele existente há alguns anos, mesmo ainda sendo insuficiente em relação ao que poderia e deveria ser. O movimento de abertura no ecossistema de inovação no sentido da promoção da diversidade e da inclusão racial leva empresas que não estiverem dando atenção a isso a passar por constrangimentos. Isso amplia o leque de parcerias que esses empreendedores disseram poder fazer nos seus ambientes de negócios.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo aborda o empreendedorismo negro no ecossistema de inovação. Por meio de entrevistas em profundidade com empreendedores negros que iniciaram startups foi possível perceber que as suas histórias de vida foram permeadas por experiências que os moveram a iniciarem os seus negócios. Tais experiências se ligam ao racismo institucional (Cashmore, 2000; Vinuto, 2023; Wieviorka, 1998) que atravessa a sociedade brasileira, uma vez que em suas vivências eles se defrontaram com barreiras semelhantes associadas ao racismo.

A principal delas está associada à dificuldade de acesso a recursos no mercado financeiro, tanto com investidores, quanto por meio de instituições financeiras. Os entrevistados afirmaram que o acesso ao crédito lhes é dificultado seja em razão da sua identidade étnico-racial, seja em função da sua origem de classe. Ademais, quando acessam instituições financeiras, não possuem o mesmo tratamento dispensado às pessoas brancas. Segundo os empreendedores negros ouvidos nesse estudo, convencer homens não negros a investirem capital em empreendimentos que promovem equidade racial e social não é algo evidente.

Porém, a despeito do racismo institucional (Cashmore, 2000; Vinuto, 2023; Wieviorka, 1998) que marcou as suas experiências, os empreendedores negros não ficaram paralisados. Eles procuraram superar os desafios e aproveitar as oportunidades que tiveram. A superação dos desafios se deu, por exemplo, pela via do agenciamento de uma rede de contatos com pessoas negras, ou brancas sensíveis à causa social e racial, que possuíam maior experiência com empreendedorismo e com o ecossistema de inovação. O acionamento da identidade étnico-racial também foi um marco importante no enfrentamento do racismo. O certo é que, eles foram abrindo portas que os levaram a participar de importantes programas de aceleração. E consideraram que as oportunidades de participar desses programas têm se ampliado. Isto porque vive-se momento favorável quanto a importância da agenda relativa à diversidade e inclusão no mundo dos negócios, incluindo o ecossistema de inovação em que se situam as startups. Essa agenda tem ecoado mais fortemente para esses empreendedores do que em anos anteriores.

A partir da análise das experiências desses dos empreendedores negros entrevistados, a principal contribuição desse trabalho à compreensão do fenômeno do empreendedorismo no contexto brasileiro repousa no fato de chamar a atenção para as condições adversas que pessoas negras encontram, em comparação com pessoas brancas, quando buscam iniciar negócios no universo das startups. Ao investigar como têm sido as experiências desses empreendedores nesse universo, notou-se a existência de um espaço de luta por recursos, demarcações étnico-raciais e tensões marcadas pelo racismo institucional (Cashmore, 2000; Vinuto, 2023; Wieviorka, 1998).

Em se tratando das limitações do estudo, por tratar-se de um tema ainda pouco explorado, priorizou-se uma cuidadosa revisão de literatura e focalizou-se as experiências dos empreendedores, privilegiando os elementos que emergiram da análise. Isso foi feito com a ciência de que, embora uma contextualização histórico-

social aprofundada fosse necessária, não foi possível delimitá-la nesse momento da pesquisa. Essa limitação pode ser superada por futuros estudos que articulem de forma densa o nosso passado racial com seus efeitos na realidade de empreendedores negros em startups.

Embora o estudo apresente diferenças significativas nas condições que pessoas negras encontram para empreender, seus resultados devem ter extrapolação cuidadosa, mesmo considerando que o universo de empreendedores negros em startups é limitado. Futuros estudos podem dirimir essas limitações endereçando análises sobre o perfil dos financiamentos aprovados em instituições financeiras, volume de investimentos concedidos em programas de aceleração, comparando empreendedores negros e brancos.

Outra limitação da pesquisa que embasou esse artigo diz respeito ao seu recorte exclusivamente voltado para empreendedores homens, deixando de forma as experiências de mulheres empreendedoras em startups, com suas experiências sendo marcadas pela intersecção entre raça, gênero e classe. Esta é uma avenida importante a ser trilhada em estudos futuros.

Também se considera pertinente avançar pesquisas comparativas sobre as vivências de empreendedores negros e empreendedoras negras em segmentos econômicos distintos, como: Fintechs, Healthtechs, Foodtechs, Afroturismo etc. Talvez o racismo institucional (Cashmore, 2000; Vinuto, 2023; Wieviorka, 1998) opere de forma distinta em cada um desses setores da economia, com mais barreiras para pessoas negras iniciarem negócios sendo encontradas em áreas elitizadas, como finanças e saúde, do que naquelas menos elitistas, a exemplo de turismo e gastronomia.

Investigações futuras podem igualmente focar os chamados negócios pretos na área de tecnologia e inovação em diferentes regiões do Brasil. Apesar dos obstáculos que pessoas negras encontram para empreender, esses negócios pretos têm se multiplicado em diversas cidades brasileiras e já não são raros os casos de empreendedores negros que despontam na mídia como exemplos de sucesso enquanto empreendedores. Nesse contexto, considerando a complexidade do tema, deixamos uma questão em aberto para reflexão. Será que essa visibilidade se ancora em negócios sustentáveis, ou são o reflexo de uma mistificação em torno de casos individuais para encobrir as desigualdades raciais, o racismo institucional (Cashmore, 2000; Vinuto, 2023; Wieviorka, 1998) e/ou a precariedade do trabalho que incide mais sobre pessoas negras? Deixa-se a provocação, reafirmando-se que o esforço empenhado na escrita desse artigo foi o de escapar da romantização do fenômeno do empreendedorismo negro, posicionando-o como um fenômeno complexo, atravessado por desigualdades, mas também pela capacidade de ação de pessoas negras no seu enfrentamento pela via da condução de seus negócios.

Artigo submetido para avaliação em 02/06/2024 e aceito para publicação em 08/11/2024

REFERENCIAS

BATES, T. Trends in Promoting Government to Black Entrepreneurship. **The Review of Black Political Economy**, n. 5, p. 175-184, Dezembro 1975.
<https://doi.org/10.1007/BF031820>

BATES, T. The urban development potential of black-owned businesses. **Journal of the American Planning Association**, v. 72, n. 2, p. 227-237, 2006.
<https://doi.org/10.1080/01944360608976741>

BERTAUX, D. **L'enquête et ses méthodes - le récit de vie**, 2. ed. Paris: Armand Colin, 2006.

BERTAUX, D. A vingança do curso de ação contra a ilusão científicista. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 2, p. 250-71, 2014.

BOYD, R. L. A “Body of Business Makers”: The Detroit Housewives League, Black Women Entrepreneurs, and the Rise of Detroit’s African American Business Community. **Enterprise & Society**, v. 23, n. 1, p. 164 – 205. 2020.

<https://doi.org/10.1017/eso.2020.39>

BOYD, R. L. Black Retail Enterprise and Racial Segregation in Northern Cities before the “Ghetto. **Sociological Perspectives**, v. 53, n. 3, p. 397–417, 2010.

<https://doi.org/10.1525/sop.2010.53.3.397>

BOYD, R. L. Demographic Change and Entrepreneurial Occupations: African Americans in Northern Cities. **The American Journal of Economy and Sociology**, v. 55, n. 2, p. 129-143, 1996.

BOYD, R. L. Residential Segregation by Race and Blacks Merchants from Northern Cities during the Beginning of the Twentieth Century. **Sociological Forum**, v. 13, p. 595-609, 1998.

<https://doi.org/10.1023/A:1022843300237>

BOYD, R. L. Survivalist entrepreneurship among urban blacks during the Great Depression: A test of the disadvantage theory of business enterprise. **Social Science Quarterly**, v. 81, n. 4, p. 972-984, 2000.

BOYD, R. L. The Great Migration to the North and the “Black Metropolis” of the early twentieth century: A reevaluation of the role of Black community size. **The Social Science Journal**, v. 51, n. 1, p. 6-11, 2019.

<https://doi.org/10.1016/j.soscij.2013.08.002>

CASHMORE, E. Discriminação Racial. In: CASHMORE, E. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000.

COLES, F. A. Financial Institutions and the Afro-Entrepreneurship. **Journal of Black Studies**, v. 3, n. 3, p. 329-349, Março 1973.

CONLEY, N.; BILIMORIA, D. Barriers and Mitigating Strategies of Entrepreneurial Business Growth: The Role of Entrepreneur Race and Gender. **Entrepreneurship Research Journal**, v. 13, n. 3 p. 341 – 439, 2022.

<https://doi.org/10.1515/erj-2020-0061>

CORACCINI, R. Nubank vai investir R\$ 1 milhão em startups de empreendedores negros. CNN Brasil, 24 mar. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/nubank-vai-investir-r-1-milhao-em-startups-de-empresarios-negros/>. Acesso em: 25 maio 2022.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre: Penso, 2014.

EDELMAN, D. C. Online Women’s Magazines: Differences in Perceptions between Print and Online Magazines among Female Readers. **Harvard Business Review**, n. 88, p. 63 – 69. 2010.

<https://doi.org/10.4236/ajc.2016.41004>

ESTADÃO. A força do empreendedorismo negro, 2021. Disponível em:

<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,a-forca-do-empresendedorismo-negro,70003913189>. Acesso em: 28 de jun. 2022.

FAIRLIE, R. W.; MEYER, B. D. Trends in Self-Employment among White and Black Men During the Twentieth Century. **The Journal of Human Resources**, v. 35, n. 4, p. 643-669, 2000.

<https://doi.org/10.2307/146366>

FAIRLIE, R. W.; ROBB, A.; ROBINSON, D. T. Black and White: Access to Capital among Minority-Owned Startups. **NBER Working Paper**, n. 28154, 2020.

<https://doi.org/10.1287/mnsc.2021.3998>

FAIRLIE, R. W. The Absence of the African-American Owned Business: An Analysis of the Dynamics of Self-Employment. **Journal of Labor Economics**, v. 17, n. 1, p. 80-108, 1999.
<https://doi.org/10.1086/209914>

FARIAS, J. P. B.; PIMENTEL, J. M. V.; SANTOS, L. C. Turismo étnico-afro: uma possível alternativa para empreendedorismo e empoderamento negro no Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 21, n 2, p. 51-65, 2021.
<https://doi.org/10.18472/cvt.21n2.2021.1867>

FESSELMAYER, E.; SEAH, K. Y. Neighborhood Segregation and Black Entrepreneurship. **Economics Letters**, n. 154, p. 88-91, 2017.
<https://doi.org/10.1016/j.econlet.2017.02.025>

GEM – GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR; IBQP – INSTITUTO BRASILEIRO DE PRODUTIVIDADE; SEBRE. Empreendedorismo no Brasil. 2019. Disponível em:
<https://ibqp.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Empreendedorismo-no-Brasil-GEM2019.pdf>. Acesso em: 25 junho 2022.

GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. da (Orgs). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

HARPER-ANDERSON, E. Contemporary Black Entrepreneurship in Chicago's Professional Services Sector: Intersections of Race, Entrepreneurship and Economics Transformation. **Urban Affairs Review**, v. 51, n. 3, p. 1–32, 2017.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. 2019. Disponível em:
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 30 jan. 2021.

IRONS, E. D. Afro-entrepreneurship: its justification, its Problems, its Perspectives. **Phylon**, v. 37, n. 1, p. 12-25, 1976.

JAIME, P.; DOS SANTOS-SOUZA, H. R. Papel das empresas na construção de uma sociedade antirracista. **GV-EXECUTIVO**, v. 23, n. 2, p. e91227-e91227, 2024.
<https://doi.org/10.12660/gvexec.v23n2.2024.91227>

JONES, N. N. Rhetorical Narratives of Black Entrepreneurs: The Business of Race, Agency, and Cultural Empowerment. **Journal of Business and Technical Communication**, v.31, n. 3, p. 319–349, 2017.
<https://doi.org/10.1177/1050651917695540>

KAUFMANN, J. C. **L'enquête et ses méthodes - l'entretien compréhensif**. Paris: Armand Colin, 2007.

KOLLINGER, P.; MINNITI, M. It's not for lack of trying: Entrepreneurship in Black and White. **Small Business Economics**, n. 27, p. 59–79, 2006. <https://doi.org/10.1007/s11187-006-0019-6>

KOPKIN, N. Does Racial Prejudice Affect Black Entrepreneurship?: Spatial Evidence Exploring Differences in Prejudiced Atitudes. **Applied Economics**, v. 49, n. 31, p. 3045–3066, 2017.
<https://doi.org/10.1080/00036846.2016.1254336>

LEVINE, CH. Afroentrepreneurship in the Ghetto - Recruitment Strategy. **Land Economics**, v. 48, n. 3, p. 269-273, 1972.
<https://doi.org/10.2307/3145108>

LIGHT, I. H. Disadvantaged minorities in self-employment. **International Journal of Comparative Sociology**, v. 20, n. 1/2, p. 31-45, 1979.
https://doi.org/10.1163/9789004473768_004

LIGHT, I. H. **Ethnic Enterprise in America: Business and Welfare Among Chinese, Japanese, and Blacks**. Berkley, Los Angeles: University of California Press, 1972.

MONEY TIMES. **BlackRocks, BTG e TikTok fazem parceria para impulsionar startups lideradas por pessoas negras**, 2022. Disponível em: <https://www.moneytimes.com.br/blackrocks-btg-e-tiktok-fazem-parceria-para-impulsionar-startups-lideradas-por-pessoas-negras>. Acesso em: 25 de mai. 2022.

MUNDO NEGRO. **A diversidade das startups e o futuro desse mercado**. 2022. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/a-diversidade-nas-startups-e-o-futuro-desse-mercado/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

OGBOLU, M.N.; SINGH, R.P.; WILBON, A. Legitimacy, Attitudes and Intended Sponsorship: Understanding the Challenges Facing Black Entrepreneurs. **Journal of Developmental Entrepreneurship**, v. 20, n. 1, 2015. <https://doi.org/10.1142/S1084946715500077>

OLIVEIRA JÚNIOR, A; IIZUKA; E. S.; JAIME, P. 2021. Black Entrepreneurship: Theoretical Contributions, Challenges, and Opportunities. **Academy of Management Proceedings**, vol. 2021, n. 1. 2021. <https://doi.org/10.5465/AMBPP.2021.14283abstract>

OLIVEIRA, J. S.; PEREIRA, J. A.; SOUZA, M. C. D. Empreendedorismo, cultura e diversidade: a participação dos empreendedores negros nas atividades empreendedoras no Brasil no período de 1990 a 2008. **Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, v. 11, n. 2. 2013. <https://doi.org/10.19094/contextus.v11i2.32161>

RAM, M.; SMALLBONE, D. Policies to support ethnic minority enterprise: the English experience. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 15, n. 2, p. 151-166. 2003. <https://doi.org/10.1080/0898562032000075177>

RAZIN, E.; LIGHT, I. Ethnic Entrepreneurs in America's Largest Metropolitan Areas. **Urban Affairs Review**, v. 33, n. 3, p. 332-360, Jan. 1998. <https://doi.org/10.1177/1078087498033003>

REZENDE, A.; MAFRA, F.; PEREIRA, J. Empreendedorismo Negro e Salões Étnicos: Possibilidades de Resistências na (re)Construção Social da Identidade Negra. **Revista Organizações & Sociedade**, v. 25, n. 87, p. 589-609, out./dez. 2018. <https://doi.org/10.1590/1984-9250873>

SANTOS, E. L. S.; OLIVEIRA, J. S. Práticas, Raça e Organizações Empreendedoras: Um Estudo com Negros Empreendedores na Região Metropolitana da Cidade do Rio de Janeiro. **Revista Ciências Administrativas**, v. 26, n 9718, 2020. <https://doi.org/10.5020/2318-0722.2020.26.3.9718>

SEBRAE. **Afroempreendedorismo cresce atuação no Brasil**. 2020. Disponível em: <http://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/afroempreendedorismo-cresce-atuacaono-brasil,54994b31ad5e5710VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 22 mar. 2021.

SILVERMAN, R. M. The Effects of Racism and Racial Dinscrimination on Minority Business Development: The Case of Black Manufacturers on Chicago Ethnic Beauty Aids Industry. **Journal of social history**, v. 31, n. 3, p. 571-597, 1998.

SONFIELD, M. C. Progress and Success in Development of Black Property Franchise Units. **The Review of Black Political Economy**, n. 22, p. 73-87, 1993. <https://doi.org/10.1007/BF02689944>

TEIXEIRA, C. Community Resources and Opportunities in Ethnic Economies: A Portuguese Case Study and Black Entrepreneurs in Toronto. **Urban Studies**, v. 38, n. 11, p. 2055–2078, 2001. <https://doi.org/10.1080/004209801200809>

VINUTO, J. Racismo institucional. In: RIOS, F.; SANTOS, M. A.; RATTIS, A. **Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2023.

WIEVIORKA, M. **Le racisme**: une introduction. Paris: La Découverte, 1998.